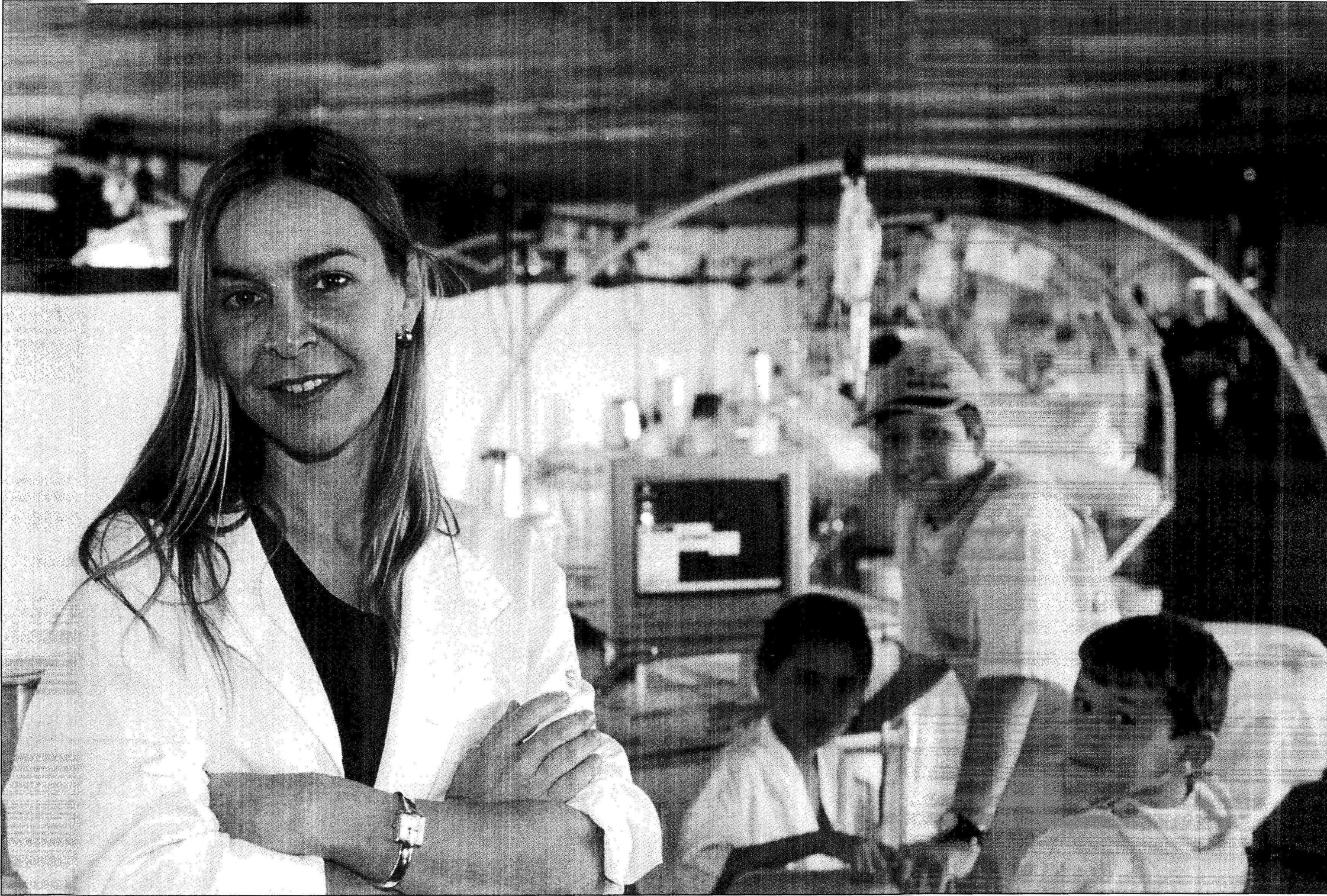




Lucinha, com seus pacientes no Sarah: com as pesquisas desenvolvidas no hospital, tornou-se a primeira brasileira a ter projeção mundial no trabalho de reabilitação de deficientes físicos e mentais

Um cérebro que trabalha por mil

Há 23 anos, a neuropsicóloga Lúcia Braga trata pacientes com paralisia cerebral. Hoje, recebe prêmio mundial pelo trabalho

Maria Clarice Dias
Da equipe do *Correio*

O ano era 1976. Com 17 anos, a estudante de música da Universidade de Brasília Lúcia Willadino Braga descobriu sem querer o jardim do Hospital Sarah Kubitschek, onde dezenas de crianças deficientes eram tratadas. Aqueles meninos e meninas formavam a última geração vitimada pela poliomielite (doença que causa paralisia infantil, erradicada no país em 1989) em Brasília. No dia seguinte, Lúcia voltou com uma flauta e tocou para um dos meninos. Era uma música infantil e o paciente-mirim aprendeu a tocá-la rapidamente.

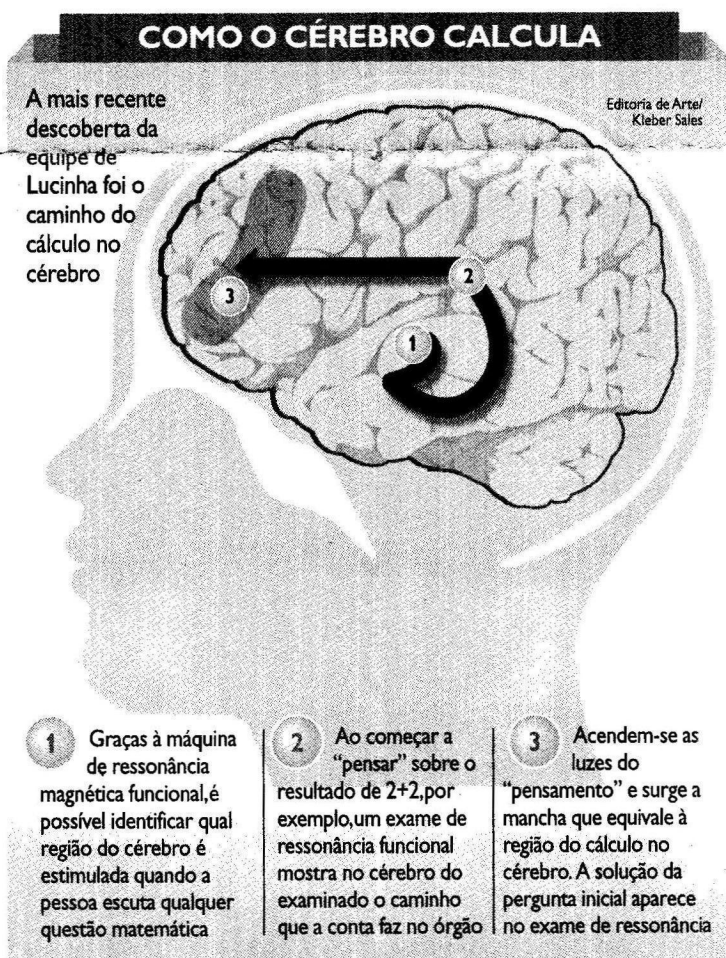
Ela não havia avisado a ninguém da instituição sobre a “aula” de flauta. De repente, um homem nos seus 40 anos a interrompeu: “Que é isso”? Lúcia não vacilou: “Sou estudante de música da UnB e tenho interesse em fazer um trabalho com crianças incapacitadas”. O homem, Aloysio Campos da Paz Júnior, diretor do hospital desde então, viu longe: “Escreve um projeto e me procura”.

Dai em diante, Lúcia se enfiou

no hospital para tratar pacientes com deficiências físicas e mentais e não saiu mais. Da graduação em música passou para o mestrado em educação e para o doutorado em psicologia e, finalmente (ufa!), para o pós-doutorado em neuropsicologia. E é, aos 41 anos, como neuropsicóloga, que Lucinha (como exige ser chamada por colegas, pacientes e amigos) recebe hoje o título de Doutora Honoris Causa na Universidade de Reims Champagne Ardenne — uma das mais importantes da França que, de 50 em 50 anos, elege três grandes personalidades vinculadas à pesquisa no mundo.

Com as pesquisas desenvolvidas no Sarah, Lucinha tornou-se a primeira brasileira a ter projeção mundial no trabalho de reabilitação de deficientes físicos e mentais — lidando principalmente com o cérebro. É o reconhecimento do trabalho de uma estudiosa que não suporta esperar para ver suas idéias em prática. Não aguenta, por exemplo, esperar um elevador para chegar ao andar das crianças em tratamento. “Não vou perder um tempo precioso olhando para porta.”

O estudo ininterrupto e a dedi-



cação absolutamente exclusiva às pesquisas no hospital levaram Lucinha, então com 20 anos e uma filha de 3, à direção da recém-criada escolinha — onde neurologistas e fisioterapeutas tentavam recuperar pacientes debilitados. Ela propunha um tratamento humano, com estí-

mulos específicos para cada tipo de paralisia cerebral e muito diálogo com os pacientes e a família.

Na criação da escolinha, o projeto de tratamento corria bem distante da proposta da recém-chegada funcionária. “Os médicos e terapeutas estão remontando a Santa Inquisição lá

na escolinha. Os pais ficam de fora esperando um veredicto discutível, as crianças tomam doses enormes de medicação e voltam para casa dopadas, com um diagnóstico expresso em termos esotéricos. A partir de hoje, você vai dirigir a escolinha.” Ordens de Campos da Paz, automaticamente obedecidas pela então mestrandia em Educação na UnB.

E começaram as pesquisas. “Descobrir os mistérios do cérebro sempre foi meu grande objetivo. Graças a ele, fazemos tudo. E cada descoberta nos oferece uma nova chance de recuperar os que não andam ou não falam ou não têm memória”, diz a pesquisadora — que é também diretora-executiva da Rede Sarah de Hospitais e titular de Neuropsicologia da Universidade Sarah de Ciências de Reabilitação.

Todas as perguntas tinham (e têm) de ter resposta. Custasse o que custasse. Um dia, uma resposta fez a pesquisadora esquecer a virada do ano — de 1992 para 1993. Naquela noite, enquanto os fogos de artifício faziam barulho em toda a cidade, Lucinha descobria uma alternativa de tratamento para crianças com dificuldade de marcha causada pela paralisia cerebral. Isso custou a comemoração do réveillon com o marido Pedro, funcionário do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), e os três filhos. Mas valeu o esforço.

Resposta cada vez mais rápida

Para quem entra às 9h no hospital e nunca tem hora para sair (ou para almoçar e jantar), as respostas para as tantas questões de Lucinha vêm cada vez mais rápido. Com a máquina de ressonância magnética funcional, equipamento capaz de mostrar o cérebro em funcionamento, Lucinha e sua equipe descobriram recentemente o caminho de um cálculo matemático no órgão (*veja quadro ao lado*).

A linha de pesquisa, que inclui também a descoberta do caminho do cálculo, pretende descobrir a estrutura do pensamento. Em outras palavras, quer colocar no papel a arquitetura que constrói todas as principais atividades do ser humano (ou funções mentais superiores), como memória, atenção, linguagem, planejamento, movimento.

Ao desvendar cada uma dessas funções mentais superiores, os especialistas conseguem encontrar o caminho para trazer à vida normal crianças e adultos que, por um acidente ou por problemas no nascimento, não conseguem se lembrar, falar, andar, prestar atenção etc. “Entender o cérebro ajuda no desenvolvimento mental e motor”, explica Lucinha.

A evolução das atividades é um processo que envolve estímulos e interação social. Ai também está um grande trunfo que projetou mundialmente os trabalhos da equipe da pesquisadora. Se, por exemplo, um cirurgião perde os movimentos finos da mão, a equipe de Lucinha (que tem fisioterapeutas, neurologistas, técnicos em informática, clínicos, radiologistas, ortopedistas, entre tantos outros) se dedica a devolver especialmente a capacidade de operar desse paciente-cirurgião. Na prática, devolve qualidade de vida aos cerca de 20 mil pacientes com lesão cerebral tratados com a orientação de Lucinha, que aproveita todo seu tempo, e cérebro, para sempre ter respostas. (MCD)